

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

O olhar da Terapia Ocupacional sobre a solidariedade e ambivalência intergeracional entre mães e avós de crianças com deficiência.

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, desenvolvido pela discente Isabela Aureliano, sob orientação da Profa. Dra. Mirela de Oliveira Figueiredo, para a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso III, requisito para à obtenção do título de Bacharel em Terapia Ocupacional para o Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos.

São Carlos, 2020

Resumo

A solidariedade intergeracional na relação familiar consiste na interdependência entre os sujeitos participantes desta família, sendo composta por dimensões funcionais, afetivas e conflituais. A ambivalência intergeracional, ou seja, os sentimentos, a cognição e os comportamentos contraditórios estão presentes na relação “mãe-filha adulta” e podem interferir na solidariedade intergeracional desta díade. Este estudo teve por objetivo analisar e descrever algumas dimensões da solidariedade intergeracional e a existência de ambivalência intergeracional na díade de mães-avós de crianças com alguma deficiência. Estudo descritivo do tipo exploratório de abordagem quantitativa. Os instrumentos para coleta dos dados foram o Inventário de Avaliação Pediátrica de Incapacidade (PEDI-CAT), a Escala de Solidariedade Intergeracional e Escala de Ambivalência Intergeracional. A amostra foi composta por 25 mães e 25 avós de crianças com alguma deficiência na faixa etária de 2 a 10 anos de ambos os sexos. As mães referiram receber suporte funcional de suas mães (as avós da criança com deficiência) na maior parte das vezes. Já a frequência do suporte oferecido pelas mães para suas mães (as avós da criança com deficiência) ficou dividindo em Nunca e Sempre. Contraditoriamente, de acordo com as avós, o suporte funcional é as vezes fornecido para suas filhas, mas sempre recebido por parte das filhas. Tanto a maioria das mães como das avós referiram a percepção de uma frequência de conflito ocorrendo de forma moderada na relação mãe-avó de criança com deficiência. A frequência do afeto percebido pelas mães em relação a sua própria mãe (avó da criança com deficiência) foi considerada razoável pela maioria das mães. Já a frequência do afeto percebido pelas avós em relação a sua própria filha (mãe da criança com deficiência) foi considerada excelente pela maioria das avós. Os dados da presente pesquisa, mesmo que limitados, podem subsidiar novas questões investigativas assim como para as práticas de profissionais que assistem estas famílias com crianças com deficiência.

INTRODUÇÃO

As relações familiares são compostas por um grupo heterogêneo de membros, que possuem diferentes características e comportamentos uns com os outros. A partir dessa concepção, entende-se que cada indivíduo que compõe essa relação desempenha um papel específico e juntos estabelecem um vínculo relacionado a interdependência entre cada integrante dessa dinâmica relacional. Porém, a influência e o desempenho

que cada sujeito exerce ocorre de maneira diferente, pois as gerações ali presentes constroem um entendimento particular sobre essa associação de familiares (YAMASHIRO, MATSUKURA, 2014).

Dessa forma, a família é uma estrutura que se encontra em constante transição e transformação, de forma que cada sujeito que a compõe tem uma trajetória própria e construída por especificidades de sua época. Assim, dentro de diversas variáveis que influenciam no processo do desempenho de papéis nessas relações, o nascimento de filhos é um acontecimento que tem grande influência para mudança na dinâmica familiar, colocando à disposição desafios que antes não haviam na rotina familiar.

As relações intergeracionais estão presentes na vida de todas as pessoas e podem ser observadas nos diferentes contextos familiar, de trabalho, da comunidade em que se vive, na rede social de amigos (BRAZ, 2013).

De acordo com a literatura, solidariedade intergeracional no contexto familiar consiste na interdependência entre os sujeitos participantes dessa relação e suas trocas afetivas, financeiras ou de qualquer intenção de cuidado e auxílio. A solidariedade intergeracional familiar é constituída por seis dimensões (BENGTSON, ROBERTS, 1991; RODRIGUES, 2012; CABRAL, MACUCH, 2016), a saber:

Funcional: maneiras que os sujeitos dessa relação oferecem e recebem apoio dos outros integrantes da família, como por exemplo ajuda no cuidado de crianças ou mesmo em tarefas domésticas.

Afetiva: representa a expressão de sentimentos entre os familiares e avaliação em relação aos outros parentes, no sentido de reciprocidade, qualidade no relacionamento e interesse na comunicação mútua.

Conflitual: é o nível de concordância sobre potenciais diferenças de opiniões e valores entre as gerações desse círculo familiar.

Associativa: refere-se ao tipo de convívio e a frequência de contato que esses familiares possuem entre si.

Normativa: refere-se ao compromisso dos integrantes dessa relação familiar quanto às suas obrigações e funções que correspondem aquele grupo, além do respeito para com os valores construídos nessa relação.

Estrutural: reflete às oportunidades de interação entre os sujeitos dessa família, sendo muito influenciada pela proximidade ou não entre os membros desse grupo.

Como referido, o nascimento de um filho é um acontecimento envolto por muitos sentimentos e expectativas e que causa inúmeras mudanças na dinâmica familiar.

Quando o nascimento é de um filho com alguma deficiência, frequentemente é acrescido mais sentimentos negativos, como frustração e culpa, além de tensões e stress para lidar com demandas inesperadas consequentes da deficiência. A mãe que já possui o principal papel de cuidadora, terá em adição que compreender as limitações e demandas de seu filho, fato este que irá requerer profundas mudanças nos hábitos e projetos de vida pessoais, que impactarão em toda a família (FIGUEIREDO, 2007).

Portanto, nas famílias com crianças com deficiência, a solidariedade intergeracional familiar pode sofrer influências relativas a aceitação e o conhecimento sobre a condição de saúde da criança (YAMASHIRO, MATSUKURA, 2014).

Há uma vasta literatura que evidencia o sofrimento e as diversas dificuldades de mães e pais frente ao nascimento de um filho com alguma deficiência (SILVA, DESSEN; 2002, FRANCO, APOLÓNIO, 2009; FIGUEIREDO, SILVA, NOBRE, 2009; 2011; FRANCO, 2016; OMIYA, YAMAZAKI, 2017; JESS, TOTSIKA, HASTINGS, 2018; BUJNOWSKA et al., 2019; KIMURA, YAMAZAKI, 2019).

Em conjunto, os demais membros da família podem não possuir uma familiaridade na relação com pessoas com deficiência e por isso terão dificuldades para compreender as demandas assim como potencialidades desta pessoa com alguma necessidade especial (TURNBULL; TURNBULL, 2001; YAMASHIRO, MATSUKURA, 2014).

As avós, principalmente as maternas, tem desempenhado um papel significativo oferecendo grande suporte emocional e funcional nestas famílias que possuem uma criança com deficiência. As avós têm colaborado para uma diminuição do estresse dos pais atuando em diferentes níveis de cuidado da criança e da casa. Isso tem favorecido dinâmicas familiares mais saudáveis, aproximação de gerações e maior entendimento sobre as potencialidades dessa criança com deficiência e suas demandas particulares (YAMASHIRO, MATSUKURA, 2014).

No entanto, esse apoio das avós está sujeito à influência de fatores como afetividade, (des)entendimentos pessoais prévios e/ou (in)experiência para lidar com essa realidade. Além disso, a estrutura geográfica também pode influenciar, ou seja, a proximidade das residências pode favorecer ou não o contato e envolvimento constante entre os avós e seus filhos e netos (TURNBULL; TURNBULL, 2001; PEIXOTO, LUZ, 2007; ARAÚJO, DIAS, 2010; YAMASHIRO, MATSUKURA, 2014).

Inúmeros profissionais realizam ações terapêuticas junto às famílias de crianças com alguma deficiência e/ou necessidades especiais, dentre estes os terapeutas

ocupacionais. A Terapia Ocupacional além da realização de intervenções dirigidas especificamente com estas crianças, também atua com os familiares realizando acolhimento, orientação e elaboração de estratégias para enfrentamento das distintas demandas que cada membro da família pode vivenciar mas em especial às mães, principais cuidadoras (DITZ, MELO, PINHEIRO, 2006; ROSA, ROSSIGALLI, SOARES, 2010; DA SILVA, MONTILHA, NOBRE, 2014; JOAQUIM; SILVESTRINI; MARINI, 2014; KRAMECK, NASCIMENTO, 2015; CORREIA; ROCHA; DITZ, 2019).

Para que o terapeuta ocupacional possa fornecer orientações compatíveis com as reais necessidades das mães e familiares, se faz necessário o entendimento das demandas, considerando que além dos cuidados com os filhos cada um tem suas próprias ocupações (trabalho, lazer, descanso, entre outras), rotinas e rituais (SEGAL, 2004; SEGAL, BEYER, 2006). Além disso, é preciso compreender as relações entre pais e avós de crianças com deficiências ou necessidades especiais, ou seja qual o suporte requerido pelas mães e prestado pelas avós e se a relação intergeracional estabelecida está facilitando ou prejudicando na adaptação, bem estar e qualidade de vida parental (MITCHELL, 2006; HASTINGS; THOMAS; DELWICHE, 2002, YAMASHIRO, MATSUKURA, 2012).

Por fim, a partir da literatura que refere que as famílias com crianças com deficiência necessitam de uma organização especial em seu sistema para atender um conjunto de demandas em seu cotidiano e de que as avós se constituem fontes de suportes às suas filhas que possuem um filho com deficiência e/ou necessidades especiais. Este estudo teve por objetivo analisar as manifestações da solidariedade intergeracional e da ambivalência intergeracional entre mães e avós de crianças com deficiência. Para tal, analisou-se as dimensões funcionais, afetivas e conflituais que compõe a solidariedade intergeracional. Além disso, a ambivalência intergeracional também foi analisada, ou seja, os sentimentos, a cognição e os comportamentos contraditórios presentes na relação “mãe-filha adulta”.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo exploratório de abordagem quantitativa com a finalidade de obter maior familiaridade com o problema, voltado a torná-lo mais explícito, visando descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (GIL, 2007; TRIVIÑOS, 2009).

A amostra foi composta por 25 mães e 25 avós de crianças com alguma deficiência na faixa etária de 2 a 10 anos de ambos os sexos.

Os critérios para composição da amostra consistiram nas mães e avós serem de crianças com deficiências, sendo estas crianças com comprometimentos na funcionalidade aferidos pelo Inventário de Avaliação Pediátrica de Incapacidade (PEDICAT) (MANCINI et al., 2016). Além disso, a avó tinha que ser a mãe da mãe da criança com deficiência. Foram excluídas as mães ou avós que possuíssem alguma deficiência, transtorno mental e/ou qualquer outro acometimento que pudesse comprometer as respostas aos instrumentos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com os Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP/UFSCar) sob CAAE 01677218.2.0000.5504.

Procedimentos para coleta e análise dos dados

As pesquisadoras primeiramente contataram 5 instituições de assistência às crianças com alguma deficiência localizadas em cidades do interior do Estado de São Paulo. Estas instituições, interessadas na realização da pesquisa, mapearam as díades mãe-avó que cumpriam os critérios de inclusão das participantes da pesquisa, contataram as díades fazendo uma explicação sobre o projeto e solicitando autorização para que fosse passado o contato telefônico para que as pesquisadoras entrassem em contato. Mediante o aceite pelas participantes, as pesquisadoras efetuaram o contato, agendaram a aplicação dos instrumentos e recolheram a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

A coleta dos dados ocorreu com a aplicação de três instrumentos padronizados a saber: Inventário de Avaliação Pediátrica de Incapacidade (PEDI-CAT) (MANCINI et al., 2016), Escala de Solidariedade Intergeracional (BRAZ, 2013) e Escala de Ambivalência Intergeracional (MICHELS, ALBERT, FERRING, 2011).

O PEDI-CAT foi utilizado para a aferição do nível de funcionalidade da criança com deficiência, garantindo que a amostra de mães/avós fosse de uma criança com alguma deficiência e com comprometimentos na funcionalidade. O PEDI-CAT avalia a funcionalidade de crianças com deficiência em quatro domínios, a saber: Atividades diárias, Mobilidade, Social/Cognitivo e Responsabilidade (HALEY et al, 2012). O PED-CAT a partir das respostas fornecidas pelos participantes gera ‘scores’ que indicam o nível de funcionalidade para a faixa etária. Para esta pesquisa, os filhos das

participantes selecionados deveriam ter escore abaixo de 30, o que representa significativo nível de comprometimento da funcionalidade, consequentemente possuindo maior dependência de seus familiares cuidadores (MANCINI et al., 2016).

A Escala de Solidariedade Intergeracional trata-se de um instrumento de autorrelato, desenvolvido por Bengtson e Roberts (1991), traduzido por Monteiro (2010) e adaptado no Brasil por Braz (2013) com questões de múltipla escolha relativas as dimensões de Solidariedade Funcional, Afetiva e Conflitual. Constitui uma escala tipo likert com pontuação entre zero a cinco sendo as respostas para: a) Dimensão Funcional: Nunca, Raramente, As vezes, Frequente, Quase sempre e Sempre; b) Dimensão Conflitual: Discordo Totalmente, Discordo Muito, Discordo Moderadamente, Concordo Moderadamente, Concordo Muito, Concordo Totalmente; c) Dimensão Afetiva são: Inexistente, Fraca, Razoável, Boa, Muito boa, Excelente.

A Escala de Ambivalência Intergeracional (MICHELS, ALBERT, FERRING, 2011) trata-se de um instrumento de autorrelato que investiga os sentimentos, pensamentos e comportamentos existentes na relação “pais-filhos adultos”. Também uma escala tipo likert, com pontuação entre zero a cinco, sendo as respostas: Totalmente em desacordo, Em desacordo, Um pouco em desacordo, Um pouco de acordo, De acordo, Totalmente de acordo.

Os instrumentos foram aplicados com cada mãe e avó separadamente e em um dia e horário que manifestarem disponibilidade.

Cada um dos instrumentos possui seu próprio procedimento aritmético específico e que gera uma pontuação. Após a realização dos cálculos de cada instrumento, os dados passaram por análise estatística simples de frequência (GOODWIN, 1995). Portanto, serão apresentados os resultados que correspondem às respostas de mais da metade das mães e das respectivas avós para um mesmo item em cada um dos instrumentos, ou seja, será computado as respostas mais frequentes por diáde. Esta lógica de análise e interpretação dos dados advém da consideração de que cada item corresponde a um aspecto de uma dimensão da solidariedade sendo que quanto mais houver correspondência entre as respostas de mães e avós para cada item, representará consonância nas manifestações de solidariedade.

RESULTADOS

Os dados obtidos possibilitam a descrição das manifestações de solidariedade, que apareceram em maior frequência sob a perspectiva da mãe e da avó para cada item das dimensões funcional, afetiva e conflitual.

Em relação a dimensão da solidariedade funcional, a maioria ou mais da metade das mães de uma criança com alguma deficiência referiu “sempre” receber da própria mãe (avó da criança) o apoio direto ao filho (a) (n=23), em situação de doença (n=21), informações e conselhos (n=15) e assistência ao cuidado pessoal (n=14).

O Quadro 1 descreve as atividades e frequência da solidariedade funcional que a mãe da criança com deficiência considera que recebe da própria mãe.

Quadro 1: Solidariedade funcional: considerações das mães de criança com deficiência:

SOLIDARIEDADE FUNCIONAL – SUA MÃE COM VOCÊ							
ITEM ANALISADO Suporte oferecido para realização das tarefas abaixo	RESPOSTAS						
	Frequência do suporte recebido						
	Nunca	Raramente	As vezes	Frequente	Quase sempre	Sempre	Não se aplica
Tarefas domésticas	7	2	6	1	-	8	1
Transporte e compras	14	1	1	2	-	6	1
Informações e conselhos	2	-	3	5	-	15	-
Apoio financeiro	9	1	6	1	-	8	-
Apoio aos seu(s) filho(s)/filha(s)	1	-	-	1	-	23	-
Tomada de decisões importantes	9	1	3	3	1	8	-
Apoio em situação de doença	1	-	1	2	-	21	-
Assistência no cuidado pessoal	5	2	3	-	-	14	1

Já a maioria das mães das mães, ou seja, avós, referiram que “sempre” fornecem apoio em situação de doença (n=18), na assistência ao cuidado pessoal (n=15) e com informações e conselhos (14). No Quadro 2 encontra-se as atividades e frequência da solidariedade funcional que a mãe da mãe (avó da criança com deficiência) fornece para a filha (mãe da criança com deficiência).

Quadro 2: Solidariedade funcional: considerações das avós

SOLIDARIEDADE FUNCIONAL AVÓ – VOCÊ COM SUA FILHA							
ITEM ANALISADO Suporte oferecido para realização das tarefas abaixo	RESPOSTAS						
	Frequência do suporte fornecido						
	Nunca	Raramente	As vezes	Frequente	Quase sempre	Sempre	Não se aplica
Tarefas domésticas	6	3	6	1	-	9	-
Transporte e compras	11	2	2	3	-	7	-
Informações e conselhos	1	2	3	3	2	14	-
Apoio financeiro	4	5	5	1	1	9	
Apoio aos pais ou outro familiar	4	3	5	2	1	10	-
Tomada de decisões importantes	3	2	6	1	5	8	-
Apoio em situação de doença	-	2	1	1	3	18	-
Assistência no cuidado pessoal	2	3	2	1	2	15	-

Para mais da metade das mães (n=14) e das avós (n=11), “nunca” é fornecido e recebido o apoio para “transporte e compras”.

Ao analisar estes itens por díades, verificou-se que o apoio em situação de doença foi referido como “sempre” por 16 díades, informações e conselhos por 13 díades e a assistência ao cuidado pessoal por 11 díades. Já o “nunca” para recebimento do apoio para “transporte e compras” foi referido por 10 díades.

No Quadro 3 são apresentados os dados por díades, ou seja, os itens com resposta similar tanto pela mãe quanto pela mãe desta mãe, a avó.

Quadro 3: Solidariedade Funcional Correspondência por Díades

ITEM ANALISADO Suporte oferecido para realização das tarefas abaixo	RESPOSTAS	
	Frequência do suporte fornecido por díade	
	Sempre	Nunca
Apoio em situação de doença	16	-
Informações e conselhos	13	-
Assistência no cuidado pessoal	11	-
Transporte e compras	-	10

A respeito da dimensão da solidariedade afetiva, a maioria das mães e das avós referiram “excelente” relacionamento (n= 19 mães/15 avós), proximidade (n= 17 mães/13 avós), comunicação sobre assuntos que as preocupam (n= 14 mães/ 11 avós) e compreensão (n=13 mães/12 avós).

Nos Quadros 4 e 5 são descritos os itens da dimensão afetiva e as frequências consideradas pelas mães e as respectivas avós.

Quadro 4: Solidariedade afetiva: considerações das mães de criança com deficiência:

SOLIDARIEDADE AFETIVA MÃE							
ITEM ANALISADO	RESPOSTAS						
	Frequência do afeto percebido						
	Inexistente	Fraca	Razoável	Boa	Muito boa	Excelente	Não se aplica
A proximidade entre mim e a minha mãe é...	-	-	1	4	3	17	-
A comunicação com a minha mãe, no que diz respeito a troca de ideia sobre assuntos que me preocupam é...	1	-	5	-	5	14	-
A compreensão que tenho em relação a minha mãe é....	-	-	5	6	1	13	-
O meu relacionamento com a minha mãe é...	-	-	3	1	2	19	-
A compreensão que a minha mãe tem em relação a mim é...	-	1	3	3	7	11	-
A comunicação com a minha mãe no que diz respeito a troca de ideias sobre assuntos que a preocupam é...	1	-	5	5	4	10	-

Quadro 5: Solidariedade afetiva: considerações das avós

SOLIDARIEDADE AFETIVA - AVÓ							
ITEM ANALISADO	RESPOSTAS						
	Frequência do afeto percebido						
	Inexistente	Fraca	Razoável	Boa	Muito boa	Excelente	Não se aplica
A proximidade entre mim e a minha filha é...	-	-	1	6	5	13	-
A comunicação com a minha filha, no que diz respeito a troca de ideia sobre assuntos que me preocupam é...	-	-	1	10	3	11	-
A compreensão que tenho em relação a minha filha é....	-	-	3	6	7	9	-

O meu relacionamento com a minha filha é...	-	-	2	6	2	15	-
A compreensão que a minha filha tem em relação a mim é...	1	-	1	5	6	12	-
A comunicação com a minha filha no que diz respeito a troca de ideias sobre assuntos que a preocupam é...	-	-	4	9	4	8	-

Ao analisar por díade, o “excelente” para item o “relacionamento” esteve em 12 díades, para a “proximidade” em 10 díades, a compreensão em 6 díades e a comunicação em 5 díades. Estes itens e números são descritos no Quadro 6.

Quadro 6. Solidariedade Afetiva Correspondência por Díades

ITEM ANALISADO	RESPOSTAS
	Frequência do afeto percebido pela díade
	Excelente
O meu relacionamento com a minha filha/mãe	12
A proximidade entre mim e a minha filha/mãe	10
A compreensão que tenho em relação a minha mãe/filha é....	6
A compreensão que a minha filha/mãe tem em relação a mim é...	6
A comunicação com a minha filha/mãe, no que diz respeito a troca de ideia sobre assuntos que me preocupam é	5

Sobre a dimensão da solidariedade conflitual, tanto metade das mães da criança com deficiência (n=12) como das (n=13) avós referiram “discordar totalmente” sobre a existência de discussão, conflito ou tensão uma com a outra. Os demais itens não obtiveram resposta correspondente por mais da metade da amostra como pode ser observado nos Quadros 7 e 8.

O Quadro 7 refere a solidariedade conflitual que a mãe da criança com deficiência considera que vivencia com a própria mãe.

Quadro 7: Solidariedade conflitual: considerações das mães de criança com deficiência:

SOLIDARIEDADE CONFLITUAL MÃE							
ITEM ANALISADO	RESPOSTAS						
	Frequência do conflito percebido						
	Discordo Totalmente	Discordo Muito	Discordo Moderadamente	Concordo Moderadamente	Concordo Muito	Concordo Totalmente	Não se aplica
A minha mãe é crítica em relação a mim ou ao que eu faço	7	3	2	6	1	6	-
Existe conflito, tensão ou desacordo entre mim e a minha mãe	9	1	2	9	1	3	-
Eu sou crítica em relação a minha mãe ou ao que ela faz	10	1	1	9	2	2	-
Eu tenho discussões com a minha mãe	12	-	1	5	3	4	-

O Quadro 8 apresenta a frequência das situações de conflito que a avó considera que vivencia com sua filha (mãe da criança com deficiência).

Quadro 8: Solidariedade conflitual: considerações das avós

SOLIDARIEDADE CONFLITUAL - AVÓ							
ITEM ANALISADO	RESPOSTAS						
	Frequência do conflito percebido						
	Discordo Totalmente	Discordo Muito	Discordo Moderadamente	Concordo Moderadamente	Concordo Muito	Concordo Totalmente	Não se aplica
A minha filha é crítica em relação a mim ou ao que eu faço	13	1	5	6	-	-	-
Existe conflito, tensão ou desacordo entre mim e a minha filha	13	2	2	7	1	-	-
Eu sou crítica em relação a minha filha ou ao que ela faz	9	2	6	6	1	1	-

Eu tenho discussões com a minha filha	13	2	4	5	1	-	-
---------------------------------------	----	---	---	---	---	---	---

Ao analisar o item “existe conflito, tensão ou desacordo entre mim e a minha mãe/filha” por díades, verificou-se que a resposta “discordo totalmente” foi dada em correspondência por 9 mães e suas respectivas mães.

Em relação a ambivalência intergeracional, a maioria das mães referiram “totalmente em desacordo” de terem uma relação com a própria mãe sentindo-se sufocadas (n=19), ou que as desagradam (n=18), em que são incompreendidas (n=18), com muitas discussões (n= 15), com constantes conselhos que a deixam chateada (n=13) ou dependente (n=12). Estas repostas das mães são apresentadas no Quadro 9.

Quadro 9: Ambivalência considerada pela mãe da criança com deficiência na relação com sua própria mãe:

AMBIVALÊNCIA – MÃE							
ITEM ANALISADO	RESPOSTAS						
	Frequência da ambivalência vivida						
	Totalmente em desacordo	Em desacordo	Um pouco em desacordo	Um pouco de acordo	De acordo	Totalmente de acordo	Não se aplica
Por um lado, tenho sentimento que a minha mãe está orgulhosa de mim, mas por outro lado ela quer sempre me mudar	11	2	2	4	1	5	-
Eu estou contente quando a minha mãe me ajuda, mas ao mesmo tempo fico chateado (a) por ser dependente dela	12	2	2	2	-	6	1
Quando eu estou com problemas, estou contente que a minha mãe me ajude, mas os seus conselhos constantes me deixam chateada	13	2	1	3	1	2	3
Eu tenho uma relação íntima com a minha mãe, mas sinto-me sufocada	19	1	2	2	-	1	-
Eu gosto de conversar com a minha mãe, mas tenho a sensação que ela não me leva a sério	16	2	1	1	1	3	1
Eu gosto de estar junto à minha mãe, mas acaba muitas vezes em discussões-	15	1	-	2	2	5	-
Embora a minha mãe me mostre que me ama, tenho o sentimento que nunca lhe posso agradecer	18	1	-	1	1	3	1
Eu gosto de conversar com a minha mãe, mas tenho a	18	1	-	2	2	2	-

sensação que ela não me compreende							
Por um lado, eu quero satisfazer as exigências da minha mãe, mas por outro lado, eu gostaria de viver a minha própria vida	12	-	-	2	3	5	3

Na mesma direção, a maioria das avós referiram “totalmente em desacordo” de terem uma relação com a própria filha sentindo-se sufocadas (n=14), ou que as desagradam (n=13), em que são incompreendidas (n=12), com muitas discussões (n=15), com constantes conselhos que a deixam chateada (n=14) ou dependente (n=13). O Quadro 10 contém as respostas das avós sobre estes sentimentos, pensamentos e comportamentos que consideram existentes/vivenciados na relação com as respectivas filhas.

Quadro 10: Ambivalência considerada pela avó na relação com sua filha (a mãe da criança com deficiência):

AMBIVALÊNCIA - AVÓ							
ITEM ANALISADO	RESPOSTAS						
	Frequência da ambivalência vivida						
	Totalmente em desacordo	Em desacordo	Um pouco em desacordo	Um pouco de acordo	De acordo	Totalmente de acordo	Não se aplica
Por um lado, tenho sentimento que a minha filha está orgulhosa de mim, mas por outro lado ela quer sempre me mudar	8	2	2	5	2	6	-
Eu estou contente quando a minha filha me ajuda, mas ao mesmo tempo fico chateado (a) por ser dependente dela	13	1	1	1	4	5	-
Quando eu estou com problemas, estou contente que a minha filha me ajude, mas os seus conselhos constantes me deixam chateada	14	2	1	3	3	2	-
Eu tenho uma relação íntima com a minha filha, mas sinto-me sufocada	14	1	2	3	3	2	-
Eu gosto de conversar com a minha filha, mas tenho a sensação que ela não me leva a sério	10	2	3	1	2	6	1
Eu gosto de estar junto à minha filha, mas acaba muitas vezes em discussões	15	3	1	2	1	2	1
Embora a minha filha me mostre que me ama, tenho o sentimento que nunca lhe posso agradar	13	3	3	1	2	2	1
Eu gosto de conversar com a minha filha, mas tenho a sensação que ela não me	12	3	3	2	1	3	1

compreende							
Por um lado, eu quero satisfazer as exigências da minha filha, mas por outro lado, eu gostaria de viver a minha própria vida	13	2	2	4	1	2	1

Ao analisar estes itens por díade, o “totalmente em desacordo” para a ocorrência de uma relação entre mãe-filha em que “sentem-se sufocadas” e “com muitas discussões” permaneceu em 11 díades. Na sequência, uma relação em que “sentem que nunca agradam” e com “constantes conselhos que as deixam chateadas” permaneceu em 10 díades. Por fim, “sentirem-se incompreendidas” e “dependentes” esteve presente em 8 e 6 díades, respectivamente. No Quadro 11, são descritos estes itens por díades.

Quadro 11: Ambivalência Correspondência por Díades

ITEM ANALISADO	RESPOSTAS
	Frequência do afeto percebido por díades
	Totalmente em Desacordo
Eu tenho uma relação íntima com a minha filha, mas sinto-me sufocada	11
Eu gosto de estar junto à minha filha, mas acaba muitas vezes em discussões	11
Embora a minha filha me mostre que me ama, tenho o sentimento que nunca lhe posso agradar	10
Quando eu estou com problemas, estou contente que a minha filha me ajude, mas os seus conselhos constantes me deixam chateada	10
Eu gosto de conversar com a minha filha, mas tenho a sensação que ela não me compreende	8
Eu estou contente quando a minha filha me ajuda, mas ao mesmo tempo fico chateado (a) por ser dependente dela	6

DISCUSSÃO

As trocas de apoio, cuidado e afeto assim como o nível de concordância de opiniões e valores entre as gerações de um círculo familiar, determinam a existência da solidariedade intergeracional no contexto familiar.

Os resultados obtidos nas díades pesquisadas, indicaram correspondência em algumas manifestações de solidariedade nas dimensões funcionais, afetivas e conflituais.

Na dimensão funcional, houveram algumas correspondências entre o que as mães de uma criança com deficiência referiam receber de suas mães, com o que as avós referiam fornecer. Dentre estas correspondências estavam o “apoio em situação de doença”, “informações e conselhos” e “assistência no cuidado pessoal”.

O apoio em situação de doença pode ser fornecido de várias formas dentre estas a ajuda para levar o neto em consultas e serviços de saúde. No estudo de Woodbridge et al. (2011) que investigou a identidade e o papel dos avós de crianças com deficiência em Brisbane, Austrália, identificou que acompanhar a mãe ou levar o neto com alguma deficiência em consultas e serviços de saúde consistia em parte do papel dos avós. Além disso, estes avós fizeram uma diferenciação do seu papel em relação aos netos com desenvolvimento típico, sendo que com estes o apoio estava relacionado ao auxílio nas tarefas em casa.

Mirfin-Veitch et al. (1996; 1997) também identificaram o suporte prático de avós de crianças com deficiência para os pais destas crianças, como o auxílio em tarefas domésticas, por exemplo.

Woodbridge et al. (2011) consideram que esse acompanhamento dos avós às consultas e serviços de saúde resulta e é resultante de um processo de conhecimento que os avós passam a ter acerca das necessidades de seus netos, reconhecendo assim diversas formas de cuidado que são particulares do cotidiano de crianças com deficiência.

O fornecimento de conselhos como forma de apoio foi identificado nos estudos de Mirfin-Veitch et al. (1996; 1997) e Woodbridge et al. (2011). Mirfin-Veitch et al. (1996, 1997) identificaram que o ato de conceder conselhos sem julgamentos associado a uma escuta ativa era uma forma de assistência fornecida pelos avós de crianças com alguma deficiência. Para Woodbridge et al. (2011) oferecer e aceitar conselhos consiste num suporte funcional e também emocional. Além disso, promove a confiança entre os pares, facilitando a comunicação intrafamiliar e suas conexões, promovendo um ambiente de trocas entre as gerações.

Considerando que a assistência no cuidado pessoal pode ocorrer de forma direta ou indireta, no estudo de Migerode et al. (2013) evidenciou-se que pelas avós fornecerem apoio às mães em demandas com as crianças, estas mães passavam a ter oportunidade para se dedicarem ao cuidado pessoal. Por meio desta cooperação fornecida pela avó, estas mães experienciam maior qualidade de vida e bem-estar.

Nas díades estudadas pela presente pesquisa, na dimensão afetiva foram expressos em reciprocidade um excelente “relacionamento” e “proximidade”. Tal relacionamento e proximidade podem ser interpretados como resultantes da partilha de informações e conselhos, pois como referido ocorrem nestas díades e de acordo com outros estudos atuam positivamente nesta relação. Esta partilha de informações e conselhos pode advir de um estilo de comunicação concretizado por estas díades.

Mirfin-Veitch et al. (1997) identificaram entre pais e avós de crianças com deficiência a ocorrência de uma comunicação aberta, eficaz na resolução de problemas, que aumenta o conhecimento acerca dos indivíduos e suas demandas, e promove um relacionamento satisfatório e solidário. Essa comunicação aberta facilita a proximidade entre os pais e avós, pois ambos se sentem à vontade para solicitar assistência, sendo que muitas vezes não há nem a necessidade de pedidos verbais.

Por outro lado, Nybo et al. (1998) ao estudar sistemas familiares compostos por ouvintes e surdos, discutem a comunicação familiar e os efeitos de uma comunicação superficial. Os próprios familiares deste estudo descreveram a comunicação como pobre, fraca e não clara, já que os membros dessas famílias não estavam dispostos a ter uma troca sobre seus sentimentos e necessidades. Esta realidade resultava em má compreensão e suposições incorretas acerca do que era exposto, quando era exposto, além de distanciar a família e dificultar o envolvimento necessário para desenvolver a solidariedade.

Mirfin-Veitch et al. (1996, 1997) identificaram dois tipos de relacionamento entre pais e avós, classificando-os como “envolvidos” e “menos envolvidos”. As díades definidas como “envolvidas” se referiam aquelas em que os avós referiam fornecer o apoio prático e/ou emocional aos seus filhos (pais de crianças com deficiência) e estes filhos por sua vez (pais das crianças com deficiência) avaliavam tais apoios como apropriados e benéficos para eles. As díades definidas como “menos envolvidas” se caracterizaram pela presença de discordância entre o que um membro da díade referia que fornecia em termos de apoio prático e/ou emocional e o que o outro membro referia que recebia.

Conforme os resultados desta pesquisa, observou-se uma harmonia entre apoios funcionais e emocionais fornecidos e recebidos compondo a estrutura e o funcionamento da dinâmica de díades. Mirfin-Veitch et al. (1996, 1997) ao identificarem relações positivas entre pais e avós de crianças com deficiência, verificaram que o nascimento de uma criança com deficiência possibilitou a

aproximação entre avós, filhos e netos. Os apoios fornecidos pelos avós foram expandidos e realizados de forma mais regular em suas diferentes esferas para os pais de crianças com deficiência potencializando o relacionamento da díade. Ao invés de extrema tristeza, não aceitação e afastamento, as díades referiram aumento e melhora do acolhimento após o nascimento do filho/neto com deficiência.

Esse acolhimento e disposição a ajudar, foi referido por Whitbeck et al. (1993) e Mirfin-Veitch, et al. (1997) como resultante de elementos pré-existentes nesta relação. Para estes autores, a história do relacionamento entre pais e filhos exerce influência na forma como o suporte será oferecido e recebido após o nascimento do filho com deficiência. Nesse sentido, o vínculo antes estabelecido previamente impacta na participação da vida um do outro, sendo que este vínculo pode ser esporádico ou constante, permeado por atribulação e adversidade ou concordância e harmonia. Nas díades estudadas pelos autores, evidenciou-se uma relação com um histórico de vínculos constantes e presença de concordância e harmonia entre pais e filhos, os quais possibilitaram o sucesso ao lidar com as demandas da criança com deficiência e a satisfação diante do apoio entre os pares (WHITBECK et al., 1993; MIRFIN-VEITCH et al., 1997).

Na presente pesquisa, os instrumentos utilizados não possibilitam compreender se foi o nascimento da criança com deficiência que possibilitou uma relação próxima e positiva ou se este tipo de relação antecede este nascimento. De qualquer forma, os achados demonstram que o fornecimento de apoio por parte das avós, ou seja, presença de uma solidariedade em termos funcionais, está diretamente relacionado com a existência de uma relação mais próxima e positiva, na qual os familiares manifestam comportamentos e sentimentos correspondentes a solidariedade afetiva.

Em conjunto, estas díades indicaram não ocorrência de discussão, conflito ou tensão uma com a outra, denotando que a dimensão conflitual não está ativa e nem atuante nas relações das mães e avós pesquisadas.

No estudo de Richard et al. (2002) que investigou estresse parental, apoio dos avós e conflitos, verificou que nos relacionamentos analisados havia um nível de desacordo ou conflito entre os pares, sugerindo para a existência de uma dimensão conflitual atuante e com efeitos prejudiciais para essas relações (RICHARD, et al. 2002).

Considerando os apontamentos de Whitbeck et al. (1993) e Mirfin-Veitch et al. (1997) esse cenário teria sido construído com o tempo, compondo a história do

relacionamento destas díades, na qual pares menos envolvidos tendem a manifesta-lo através de discórdia e tensões que causam afastamento e conseqüente escassez de suporte entre as partes. Em adição, para Matsukura e Yamashiro (2012) a relação conflituosa pré-existente tende a se intensificar nas famílias com crianças com deficiência, que além dos conflitos prévios vivenciarão implicações da deficiência e das demandas específicas das crianças.

De acordo com MIGERODE et al. (2013), essas condições como maior gasto financeiro, mais estresse envolvendo os membros e maior carga de responsabilidade e cuidado, tendem a produzir maior dependência entre os familiares, que pode ser vivenciada como um aspecto negativo em famílias menos envolvidas (Rolland, 1994 apud MIGERODE et al, 2013).

Woodbridge, Buys e Miller (2011) descrevem que a experiência de ter na família uma criança com deficiência foi considerada uma “montanha russa emocional” por parte de avós. Estes avós relataram a presença de uma oscilação nas relações sendo que após um período de atordoamento e indignação em relação ao diagnóstico, entenderam que tinham um papel de suporte em todas as áreas que fosse possível. A descoberta do papel de suporte possibilitou que os avós redefinissem suas próprias identidades, convicções e prioridades. Com isso houve o favorecimento da aceitação da situação, do orgulho de si e de como a família conseguia superar os desafios e se adaptar a situação.

Com isso, infere-se que as díades analisadas neste estudo, podem ser compreendidas como cooperativas nas relações avó-mãe, nas quais há a presença de satisfação a respeito da relação existente permeada por apoio, assistência, aconselhamento e compreensão que denotam para uma redução de conflitos.

Em consonância com a não vivência de potenciais diferenças de opiniões e valores entre as mães e as avós, a ambivalência, ou seja, os sentimentos, os pensamentos e os comportamentos contraditórios também não foram relatados como presentes nas díades analisadas.

A ambivalência geracional foi encontrada no estudo de Nybo et al. (1998) e Dell & Appelbaum (1977) os quais verificaram que, as avós que forneciam ajuda para pais de crianças com alguma deficiência, consideravam que tal ajuda na vida dos netos estaria diminuindo a autoridade dos pais. Além disso, estas avós sentiam-se desqualificadas para exercerem o apoio fornecido. No entanto, estas avós continuavam sendo requisitadas a ajudar pois os pais e netos obtinham benefícios com essa ajuda. Claramente havia uma contradição entre sentimentos, pensamentos e comportamentos

ocasionando em expectativas divergentes e frustrações. Para os autores, esta contradição poderia ter origem nas mudanças relativas ao papel de avó, sendo que no passado consistiu em comportamentos mais autoritários, associados ao cumprimento de regras impostas à infância para com o passar do tempo, consistir em expressões de afeto e práticas auxiliares. Com isso, diferentes expectativas estariam relacionadas às funções das avós (Nybo et al., 1998; 1977). De acordo com Cherlin e Furstenberg (1986) e Nybo et al. (1998) haveria uma norma hipotética de “não interferência” que limitaria relativamente o envolvimento livre dos avós com seus netos, o que, em conjunto com uma comunicação não clara entre os pais e avós, provocaria ansiedade e apreensão nestes, deixando-os duvidosos quanto ao apoio prestado sem ultrapassar os limites de interferência. Esses fatores dificultam a compreensão em relação ao papel que os avós devem exercer, prejudicando assim a quantidade e a qualidade do auxílio a ser prestado.

O estudo de Mirfin-Veitch et al. (1997) que referiu a relação positiva entre mães e avós que tinha como base uma constante comunicação aberta e que promovia a proximidade, o apoio e a satisfação mútua destes pares; não identificou sentimentos, pensamentos e comportamentos contraditórios. Ao contrário, o compartilhamento destes últimos, eram baseados na clareza e equilíbrio de expectativas, repercutindo em relações intergeracionais solidárias.

Por fim, estudos tem demonstrado que as relações de trocas de apoio, afeto e cuidado nas relações intergeracionais produzem efeitos no cotidiano dos familiares envolvidos (GRUNDY 1999; MCGLONE et al. 1999, MITCHELL, 2007). Tanto no presente estudo como nos de Yamashiro e Matsukura (2015), Matsukura e Yamashiro (2013), Margetts et al. (2006) e Findler (2000) as avós maternas constituíram as principais fornecedoras de apoio funcional e emocional às mães de crianças com deficiência. Para Mitchell (2007) diante da relevância da atuação das avós nestas famílias e da maioria dos estudos focar no tipo de atuação que as avós têm tido, se faz necessário olhar para as avós e para as demandas que estas apresentam. Com isso, continuidade de pesquisas são requeridas com investigações que enfoquem também as relações de apoio, afeto e cuidado que estas avós têm recebido de suas filhas. A análise sobre como a principal figura de apoio tem sido apoiada, poderá fornecer novos elementos para compreensão e gestão das manifestações de solidariedade intergeracional no contexto das famílias de crianças com deficiência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa demonstrou que as mães referiram receber suporte funcional de suas mães (as avós da criança com deficiência) na maior parte das vezes. Já a frequência do suporte oferecido pelas mães para suas mães (as avós da criança com deficiência) ficou dividindo em Nunca e Sempre.

Contraditoriamente, de acordo com as avós, o suporte funcional é as vezes fornecido para suas filhas, sendo o suporte funcional é sempre recebido.

Tanto a maioria das mães como das avós referiram a percepção de uma frequência de conflito ocorrendo de forma moderada na relação mãe-avó de criança com deficiência.

A frequência do afeto percebido pelas mães em relação a sua própria mãe (avó da criança com deficiência) foi considerada razoável pela maioria das mães. Já a frequência do afeto percebido pelas avós em relação a sua própria filha (mãe da criança com deficiência) foi considerada excelente pela maioria das avós.

Devido os dados se referirem a uma amostra reduzida, 5 mães e 5 avós, os resultados devem ser compreendidos a luz desta limitação amostral.

Em consideração a importância dos avós na dinâmica familiar de mães de crianças com deficiência, oferecendo suporte funcional e afetivo, e da sabida demanda que estas mães apresentam para a realização de suas atividades cotidianas, faz-se necessário a continuidade do estudo para com uma coleta maior de dados se obtenha informações significativas estatisticamente.

Na mesma direção, a continuidade da coleta referente a ambivalência geracional, também se faz necessária na medida que sentimentos, pensamentos e comportamentos entre mães e avós podem atuar tanto de forma positiva como negativa nesta relação.

Os dados da presente pesquisa, mesmo que limitados, podem subsidiar novas questões investigativas assim como para as práticas de profissionais que assistem estas famílias com crianças com deficiência.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, P. C., DIAS, C. M. S. B. Avós guardiões de baixa renda. Pesquisas e Práticas Sociais, 4(2), p. 229-237, 2010.

BRAZ A. C. Habilidades sociais e solidariedade intergeracional no relacionamento entre pais idosos e filhos adultos. 162 p. Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, p. 15-21, São Carlos, 2013.

Bujnowska AM, et al. Parenting and Future Anxiety: The Impact of Having a Child with Developmental Disabilities. *Int J Environ Res Public Health*. 2019;16(4):668

BENGTSON, V. L., ROBERTS, R. E. L. Intergenerational solidarity in aging families: An example of formal theory construction. *Journal of Marriage and Family*, 53(4), 856-870, 1991.

CABRAL M. L. L.,1 MACUCH R. S. Solidariedade intergeracional: perspectivas e representações. *Cinergis*, Santa Cruz do Sul, 18(1):59-68, jan./mar. 2016.

Choi SRS, Pilkonis PA, Hays RD, Cella D. Eficiência de formas curtas estáticas e adaptáveis ao computador em comparação com medidas completas de sintomas depressivos. *Qual Life Res*. 2009; (19): 125–36.

Correia, L. A.; Rocha, L. L. B.; Dittz, E. S. Contribuições do grupo de terapia ocupacional no nível de ansiedade das mães com recém-nascidos prematuros internados nas unidades de terapia intensiva neonatal. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 27, n. 3, p. 574-583, 2019.

Da Silva, M.R., Montilha, R. C. I. & Nobre, M.I.R.S. (2014). Grupo de familiares de crianças com deficiência sensorial: abordagem da Terapia Ocupacional. *Revista Ocupación Humana*, 14 (1), pp. 17-28.

Dittz, E., Melo, D., & Pinheiro, Z. (2006). A terapia ocupacional no contexto da assistência à mãe e à família de recém-nascidos internados em unidade de terapia intensiva. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 17(1), 42-47.

FIGUEIREDO, M.O.; SILVA, R. B. P. E.; NOBRE, M. I. R. Diagnóstico de baixa visão em crianças: sentimentos e compreensão de mães. *ARQUIVOS BRASILEIROS DE OFTALMOLOGIA*, v.72, p.766 - 770, 2009

FIGUEIREDO, M.O.; SILVA, R. B. P. E.; NOBRE, M. I. R. Mães de Crianças com baixa visão: compreensão sobre o processo de estimulação visual. *Psicopedagogia (São Paulo)*, v.86, p.156 - 166, 2011.

FRANCO, V. Tonar-se pai/ mãe de uma criança com transtornos graves de desenvolvimento. *Educar em Revista*, Curitiba, nº 59, jan – março 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.44689>. Acessado em 28 de Junho 2019.

FRANCO, V.; APOLÓNIO, A. Desenvolvimento, resiliência e necessidades das famílias de crianças com deficiência. *Revista Ciência Psicológica*. Vol. 8, nº 8, 2009. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/1788/1/Desenvolvimento%20e%20Resiliencia.pdf> . Acessado em 01 Julho 2019.

GIL, A. C. Pesquisas Descritivas. In: _____. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008, p.28.

Haley SM, Coster WJ, Dumas HM, Fragala-Pinkham MA, Moed R. PEDI-CAT: development, standardization and administration manual. Boston: Boston University; 2012

HALEY, Stephen M, et, al. Desenvolvimento, Normatização e Manual para Administração. Traduzida como parte do projeto de doutorado de Maíra Ferreira do Amaral, orientada pela Profa. Dra. Marisa Cota Mancini. Universidade Federal de Minas Gerais. 2016.

HASTINGS, R.P.; THOMAS, H.; DELWICHE, N. Grandparent support for families of children with down's syndrome, *Journal of applial research in intellectual disabilities*, v. 15, n. 1, p. 97-104, 2002.

JOAQUIM, R. H. V. T.; SILVESTRINI, M. S.; MARINI, B P. R. Grupo de mães de bebês prematuros hospitalizados: experiência de intervenção de Terapia Ocupacional no contexto hospitalar. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos*, v. 22, n. 1, p. 145-150, 2014.

JESS M, TOTSIKA V, HASTINGS RP. Maternal Stress and the Functions of Positivity in Mothers of Children with Intellectual Disability. *J Child Fam Stud*. 2018;27(11):3753–3763.

KIMURA M, YAMAZAKI Y. Having another child without intellectual disabilities: Comparing mothers of a single child with disability and mothers of multiple children with and without disability. *J Intellect Disabil*. 2019;23(2):216–232.

Krameck, K., & Nascimento, G. (2015). A orientação à família de pessoas com deficiência visual como recurso de intervenção do terapeuta ocupacional. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 26(1), 128-135.

LEME V. B. R., et al. Solidariedade Intergeracional Familiar nas pesquisas brasileiras: revisão integrativa da literatura. *Rev. SPAGESP*, vol.17, no.2, Ribeirão Preto, 2016.

MANCINI, Marisa C, et.al. New version of the Pediatric Evaluation of Disability Inventory (PEDI-CAT): translation, cultural adaptation to Brazil and analyses of psychometric properties. 2016.

MARGETTS J. K., LE COUTEUR A, CROOM S. Families in a state of flux: the experience of grandparents in autism spectrum disorder. *Journal compilation, Blackwell Publishing Ltd, Child: care, health and development*, 32, 5, 565–574, 2006.

MICHELS, T.; ALBERT, I.; FERRING, D. Emocional relations with grandparents and received support: the adolescent view. *Journal of Intergerational Relationships, United States*, V.9, n.3, p 1-17, 2011.

MIGERODE F., ANN B., MAES B., DE MOL J., VERHOFSTADT L. Intergenerational influence and quality of life: a study within families with a child with a disability. *Psychologica Belgica* 25, 53/3, 25-47, 2013.

MIRFIN-VEITCH B., BRAY A., WATSON M. "We're just that sort of Family" Intergenerational Relationships in Families including children with disabilities. *Family Relations*, v. 46, n. 3, p. 305-311, 1997.

MITCHELL W. Research Review: The role of grandparents in intergenerational support for families with disabled children: a review of the literature. Research Fellow, Social Policy Research Unit, University of York, York, UK. *Child and Family Social Work*, 12, p. 94–101, 2007.

MONTEIRO, I. B. J. Solidariedade familiar intergeracional e bem-estar psicológico: Estudo intergeracional sobre a relação de apoio entre filhas adultas e suas mães. Universidade do Porto, Porto, Portugal. 2010.

NYBO W. L., SCHERMAN A., FREEMAN P. L. Grandparents' role in family systems with a deaf child. An exploratory study. *American Annals of the Deaf*, volume 143, number 3, University of Oklahoma, USA, 1998 Jul;143(3):260-7

OMIYA T, YAMAZAKI Y. Positive change and sense of coherence in Japanese mothers of children with congenital appearance malformation. *Health Psychol Open*. 2017;4(2): 1-10.

PEIXOTO, C. E., LUZ, G. M. De uma morada à outra: Processos de recoabitação entre as gerações. *Cadernos Pagu*, 29(1), 171-191, 2007.

RICHARD P., THOMAS H., DELWICHE N. Grandparent Support for Families of Children with Down's Syndrome. Department of Psychology, University of

Southampton, UK. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities* 15, 97–104, 2002.

RODRIGUES M. I. S. Atividades intergeracionais: o impacto das atividades intergeracionais no desempenho cognitivo dos idosos, 101 p. Centro regional de Braga, Faculdade de Ciências Sociais. Universidade Católica Portuguesa, 2012.

ROGOFF B. Transições de desenvolvimento na participação das crianças em atividades socioculturais. In: Sameroff A, Haith MM. A mudança de cinco a sete anos: a idade da razão e da responsabilidade. Chicago: Universidade de Chicago; 1996.

ROSA, S. D.; ROSSIGALLI, T. M.; SOARES, C. M. Terapia ocupacional e o contexto familiar. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, Jan-Abr 2010, v. 18, n.1, p 7-17.

SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A. Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.17, n.2, p.133-141, 2001.

TURNBULL, H. R. Families, professionals and exceptionality: Collaboration for empowerment. (4. ed.) Columbus: Merrill Publishing Company, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2009.

WOODBIDGE S., BUYS L., MILLER E. ‘My grandchild has a disability’: Impact on grandparenting identity, roles and relationships. School of Design, Queensland University of Technology, Australia. *Journal of Aging Studies* 25, 355–363, 2011.

YAMASHIRO J. A., MATSUKURA T. S. Apoio intergeracional em famílias com crianças com deficiência. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, n. 4 p. 705-715, out./dez. 2014. disponível em: Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-73722419312>.

YAMASHIRO J. A., MATSUKURA T. S. Relacionamento Intergeracional, Práticas de Apoio e Cotidiano de Famílias de Crianças com Necessidades Especiais. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 18, n. 4, p. 647-660, Out.-Dez., 2012.

YAMASHIRO J. A., MATSUKURA T. S. Cotidiano e estresse de avós de crianças com deficiência e de avós de crianças com desenvolvimento típico. Estud. Interdiscip. Envelhec., Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 849-863, 2015.